

## A SUBJETIVIDADE DAS PROFISSIONAIS DA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA BRASILEIRA

Ana Beatriz Vitto  
*Graduada em Psicologia na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).*  
*anavitto123@gmail.com*

Gislayne Cristina Figueiredo  
*Doutora pelo Curso de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP e Professora  
Orientadora pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso –  
UFMT.*  
*gislaynecf@hotmail.com*

*Simpósio Temático nº 44 – Percursos Pornográficos: por uma epistemologia dissidente*

### RESUMO

A pornografia é um assunto que gera muita polêmica e debate, o que pode estar associado a esta ser uma forma de trabalho em que corpos são expostos. Apesar dos julgamentos e discursos morais que as profissionais vivenciam, a pornografia é uma construção sócio-histórica, presente em múltiplos espaços, de variadas formas ao longo do tempo. Tendo por base o referencial proporcionado pela psicologia social teórico-crítica, o presente trabalho propõe-se a discutir, a partir da fala de profissionais da indústria pornográfica brasileira, como a pornografia é vivenciada por elas, o impacto dessa vivência e as transformações na subjetivação decorrentes da inserção nessa indústria. Para tanto, utilizamos uma metodologia qualitativa, com a realização de entrevistas semi-estruturadas via videoconferência com três mulheres que trabalham no ramo em diferentes funções. As entrevistas foram submetidas à Análise de Conteúdo, resultando em cinco categorias: Pornografia e Preconceito; Função Social da Pornografia; Pornografia e Capitalismo; Pornografia como Espaço de Liberdade; Pornografia e Questões de Gênero. A análise dos dados indica que há um regramento baseado em costumes e moralismos de um espaço-tempo sobre a sexualidade das mulheres, mas que apesar de se configurar como uma indústria cultural, a pornografia pode se constituir como um meio midiático através do qual as mesmas conseguem exercer sua individualidade e desejo pessoal confrontando o enquadramento social. Assim, ao focar as mulheres que trabalham nesse campo, observa-se uma ressignificação das mesmas com o seu próprio corpo e sexualidade.

**Palavras-chave:** Pornografia, Questões de Gênero, Psicologia Social, Feminismo.

### ABSTRAT

Pornography is a subject that generates a lot of controversy and debate, which can be associated with this being a form of work in which bodies are exposed. Despite the judgments and moral discourses that professionals experience, pornography is a socio-historical construction, present in multiple spaces, in different ways over time. Based on the framework provided by theoretical-critical social psychology, this paper proposes to discuss, based on the speech of professionals in the Brazilian pornography industry, how pornography is experienced by them, the impact of this experience and the transformations in subjectivation resulting from the insertion in this industry. For that, we used a qualitative methodology, with the realization of a semi-structured choice via videoconference with three women who work in the field in different functions. The hangings were submitted to Content Analysis, described in five categories: Pornography and Prejudice; Social Function of Pornography; Pornography and Capitalism; Pornography as a Space of Freedom; Pornography and Gender Issues. An analysis of the data indicates that there is a regulation based on customs and moralism of a space-time on women's sexuality, but that despite configuring itself as a cultural industry, pornography can constitute a media medium through which how to divide achieve their individuality and personal desire by confronting the social framework. Thus, when focusing on women who work in this field, there is a re-signification of them with their own body and sexuality.

**Keywords:** Pornography, Gender Issues, Social Psychology, Feminism.

## INTRODUÇÃO

Certos tipos de formas explícitas de representação sexual, que chegam ao público em determinado contexto no tempo, podem dizer muito sobre a cultura daquele momento (KAMPF, 2008). A pornografia “como derivado da produção humana, tem uma história, uma intenção em determinado contexto no tempo, podendo dizer sobre a cultura daquele período e lugar” (SANTANA; RUBIM, 2017, p. 638). Dessa maneira, a mesma é um fenômeno mutável de acordo com o período histórico-social, o que o faz ser tão complexo devido à grande gama de fatores externos (sociais) e fatores internos (indivíduos) que os formam.

Kump (2008, p.8), se referindo à pornografia moderna, retrata que a mesma se “originou com a invenção da fotografia e com a disseminação fácil e barata de fotografias da sexualidade explícita para as massas, com o objetivo de produzir excitação e prazer sexual”. Essa mudança gerou uma transição social, haja vista que, de acordo com Kampf (2008, p. 9) passamos “de uma sociedade em que o acesso ao conhecimento era restrito à elite social e intelectual, para uma sociedade que divulgava seus segredos cotidianos indiscriminadamente”.

Uma crítica fortemente feita por mulheres desde os anos 70 até hoje, inclusive dentro do movimento feminista, é que a maior parte da publicidade em torno da pornografia é voltada para o consumidor masculino, para incitar o olhar e apetite sexual do macho. Da mesma forma, “também a produção é massivamente controlada por homens, tanto operando as filmadoras e máquinas fotográficas quanto chefiando as editorias de publicações” (SANTANA, 2014, p. 32)

De acordo com Santana (2014 p. 34), as feministas do movimento antipornografia acreditam que a “comercialização dos corpos das mulheres em imagens pornográficas é a afirmação da cultura de dominação sexual”. Como no caso da feminista Robin Morgan, fundadora da organização Women Against Pornography (WAP), que defendia a ideia de que a “sexualidade feminina é acionada pela afetividade, ternura e sentimento amoroso enquanto que a sexualidade masculina seria mais objetiva, promíscua e sem compromisso social” (SANTANA, 2014, p. 34).

Seguindo a mesma linha de pensamento de Robin Morgan, a ativista e escritora Andrea Dworkin defende que “os discursos pornográficos definem papéis fixos para homens e mulheres, sendo elas mercadoria de uso para os primeiros” (Santana, 2014, p. 35). Dworkin também acredita que a sexualidade masculina seria compulsiva por natureza, e haveria na mente masculina uma vinculação estreita entre sexualidade e violência (SANTANA, 2014). Segundo Santana (2014, p. 35) a autora afirma que “toda relação heterossexual seria um estupro, ainda que consentido, visto que a vontade da fêmea envolvida está sempre submetida à do macho da relação”. Essa feminista, ao afirmar que toda relação heterossexual seria um estupro, amplia o escopo das críticas, ao inserir a pornografia em um contexto maior das relações de poder estruturais e socialmente vigentes nas relações entre homens e mulheres, o que inclui também as relações afetivas e instituições sociais como o casamento.

Em contrapartida, há autoras feministas, como Carole Vance que, ao falar sobre a liberdade sexual feminina, trazem para a discussão

(...) os possíveis perigos que a fruição livre da sexualidade feminina implica, no sentido em que estupro, abuso e espancamento são elementos possivelmente envolvidos no exercício da sexualidade, mas também está presente a promessa do prazer, da descoberta, do lúdico e de novas possibilidades eróticas, que implicariam, inclusive, na quebra da naturalização da sexualidade, tomada apenas como exercício de reprodução (SANTANA; RUBIM, 2012, p. 643).

Vance aponta que, nas relações de gênero, “parte da estratégia de dominação passa pelo silenciamento do desejo sexual feminino, através de um acordo tradicionalmente feito entre as partes”: “Se as mulheres forem ‘boas’ (sexualmente reservadas) os homens iriam protegê-las; caso contrário os homens iriam puni-las” (VANCE, 1984, apud SANTANA, 2014, pgs. 37 e 38).

Importante assinalar que desde a solidificação do cristianismo e a instauração de determinadas relações de poder pela burguesia, a mulher sexualmente ativa tornou-se alvo de perseguição, pois era vista como uma ameaça à ordem social, posto que “subvertia o sentido de responsabilidade dos homens e sua capacidade de trabalho e de autocontrole”. Esse processo “destruiu as relações coletivas e de sistemas de conhecimentos que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista” (FEDERECI, 2019, p. 205)

Com isso, as políticas foram voltadas para redefinir a sexualidade feminina a favor da economia e do sistema patriarcal, e “seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista” (FEDERECI, 2019, p. 178).

De acordo com Federeci (2019) a expansão global do capitalismo, por meio da colonização e da cristianização, assegurou que este modelo de repressão fosse implantado no corpo das sociedades colonizadas e impostos a outros grupos sociais, como mecanismo de submissão e controle. Nesse sentido, “ao reprimir as mulheres, as classes dominantes reprimiam de forma ainda mais eficaz o proletariado como um todo” (FEDERECI, 2019, p. 341). Em contrapartida, quando o trabalhador entende “seu corpo como um capital que deva ser entregue a quem oferecer o melhor preço, se refere a uma classe trabalhadora já moldada pela disciplina do trabalho capitalista” (FEDERECI, 2019, p. 244).

Frente a esse cenário, é preciso compreender que a pornografia também é um produto da indústria cultural, e serve como entretenimento que visa a excitação do consumidor. Nesse sentido, a moralidade da elite juntamente ao capitalismo, segundo Coelho (1980, p. 17), “condena a indústria cultural sob a alegação de que ela é uma prática do entretenimento, da diversão, do prazer”. O autor também relata que:

Quando o negócio é com a cultura dita superior, tudo é permitido; da cultura inferior, da masscult, exige-se seriedade. Este é um índice claro da existência de um preconceito contra a cultura pop, contra o povo: "a massa é ignorante e,

portanto, não pode perder tempo com prazer; temos, nós, de torná-la culta, através da seriedade". Elitismo, paternalismo, confucionismo. (COELHO, 1980, p. 17).

Seguindo essa linha, a pornografia como parte da cultura inferior, ou seja, feita em série, industrialmente, para um elevado número de consumidores, passa a ser vista não como “um instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa” (COELHO, 1980, p. 6). Por tratar-se da lógica capitalista o autor salienta que:

Para essa sociedade, o padrão maior de avaliação tende a ser a coisa, o bem, o produto; tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa — inclusive o homem. E esse homem reificado só pode ser um homem alienado: alienado de seu trabalho (COELHO, 1980, p. 6).

Por outro lado, ao adentrar nas discussões das quebras de estereótipos e ressignificação da expressão política para mulheres e outras minorias sexuais no país, há tentativas em curso e algumas redes de produção se fixando neste campo (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009).

De acordo com Moraes e Lapeiz (1984), é preciso construir novas propostas de interpretação da pornografia, as quais não significam uma discordância das questões assinaladas até agora. As autoras também afirmam que “a pornografia é misógina sim e tem grande alcance, e por isso mesmo é necessário aprofundar as reflexões sobre ela” (MORAEZ e LAPEIZ, 1984, p. 52). Ademais, ela é atravessada por julgamentos morais, os quais são definidos por Moraes e Lapeiz (1984, p. 45) como “uma imposição autoritária de rígidas formas de comportamento”. Nesse sentido, as autoras assinalam que a censura “fala em nome da moral e dos bons costumes, salvaguardando os interesses das camadas privilegiadas da sociedade, e contribuindo sempre para que a balança pese do lado do mais forte” (p. 45).

É nessa ambivalência entre se constituir como mercadoria e de recolocar os valores da moral sexual/racial e de gênero vigente, e justamente por ser um espaço transgressor dessa moralidade, que a pornografia pode se colocar a serviço da contestação, da desnaturalização e da quebra das regras sociais:

Não é senão por outro motivo que o pornô é transgressor: exatamente porque brinca com o excesso, com a exposição milimétrica e com a publicidade do sexo – socialmente reservado para a intimidade – com a exibição das chamadas “perversões sexuais” e porque exclui o ideal de amor romântico de seus roteiros, convertendo o sexo em mercadoria. A transgressão pode ser igualmente percebida nas trajetórias de vida de muitas das pessoas que pertencem ou transitam nestas redes, particularmente pela infração das expectativas morais e sociais de suas famílias (DÍAZ-BENÍTEZ, p. 280).

A indústria pornográfica, com todas as suas contradições, se configura como espaço de trabalho de muitas mulheres. Segundo a literatura, as mulheres trabalhadoras da indústria pornográfica passam por uma série de preconceitos e estereótipos, mas muitas vezes visualizam o mercado pornográfico brasileiro como uma opção melhor de trabalho, ao invés de submeter à exploração de trabalhos subalternos (SOUSA, 2020). Ademais, essas profissionais acreditam na possibilidade de desmistificação da mulher submissa que não tem liberdade para/com o seu corpo, tanto no sentido de forma de trabalho, quanto no sentido sexual (SOUSA, 2020).

No campo da Psicologia essa é uma temática escassa quanto a discussões, pesquisas e problematizações. Com isso, se faz interessante destacar a pornografia como um campo de conhecimento científico complexo e com presença de inúmeras questões que destacam a sexualidade. De cara, destacamos que

A sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos, mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. (HEILBORN, 1999, p. 1).

O autor assinala a importância da sexualidade e seu desenvolvimento como fator primordial para a discussão da temática, destacando a relevância de se olhar para a sexualidade feminina a fim de compreender o significado de ser uma mulher, trabalhadora e sexual no campo da indústria pornográfica.

Nessa direção, o presente estudo visou trazer para o cenário de discussão acadêmico a indústria pornográfica brasileira e o lugar ocupado pelas mulheres profissionais desse meio, buscando dessa forma analisar como a inserção nesse mercado

de trabalho impacta os modos de subjetivação das mesmas, contribuindo assim com os estudos de gênero na área da psicologia. Dessa forma, é possível quebrar discursos de senso comum, compreender as contradições e analisar as possibilidades de mudanças, abrangendo minorias e desmistificando o local de exploração sexual da mulher na indústria pornográfica brasileira.

Buscou compreender duas questões principais: a primeira diz respeito a como a pornografia é vivenciada por elas e que tipo de impacto isso produz para a vida pessoal e profissional. Já a segunda, foi discutir a indústria pornográfica brasileira, para além do senso comum, como espaço de trabalho dessas mulheres.

A fim de responder essas perguntas, optou-se pela realização de uma pesquisa de cunho qualitativo, com a realização da coleta de dados em campo utilizando como instrumento a entrevista semi-estruturada via videoconferência pelo Skype e a metodologia adotada para a interpretação dos dados foi a Análise de Conteúdo. A amostra foi formada por três mulheres profissionais do meio pornográfico: uma atriz, uma diretora e outra produtora. As entrevistadas residem em São Paulo e estão compreendidas na faixa etária maior de 18 anos.

Como forma de garantir compromisso ético em todo o processo de construção da pesquisa, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Área das Ciências Humanas e Sociais.

Após realizar a leitura flutuante e a análise dos dados foram estabelecidas cinco categorias: Pornografia e Capitalismo; Função Social da Pornografia; Pornografia e Preconceito; Pornografia e Questões de Gênero; e Pornografia como Espaço de Liberdade, as quais serão discutidas conjuntamente a seguir, evidenciando os aspectos da atuação na indústria pornográfica e seus impactos nos processos de subjetivação trazidos pelas entrevistadas.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **3.1 – Pornografia e Capitalismo**

Não é possível pensar a indústria pornográfica sem compreender sua inserção dentro do sistema capitalista. A partir dessa inserção, é preciso enfatizar que a pornografia é uma forma de trabalho e as pessoas que atuam nesse meio são trabalhadores que precisam ter seus direitos assegurados, o que não ocorre por não existir uma legislação de amparo para esses profissionais. Como Fernanda relata: “a gente não tem direito perante

a lei e é uma coisa que abre espaço para tanto abuso, porque se a gente tivesse direitos a gente poderia recorrer a processo ou qualquer coisa assim que nos protegesse”.

Um aspecto básico a ser compreendido, quando se pensa na produção de pornografia dentro de uma sociedade capitalista, é que as mesmas condições de trabalho, de exploração e de superexploração a que estão submetidos os trabalhadores no capitalismo como um todo, atingem os trabalhadores ligados à indústria cultural, dentro da qual podemos incluir a indústria pornográfica. Faz-se assim necessários discutir os processos de fragilização dos vínculos de trabalho e de superexploração que também se fazem presentes nessa indústria, e que atingem mais duramente as mulheres.

A chamada uberização, que se constitui num processo de plataformização e digitalização das relações de trabalho e das mercadorias e serviços oferecidos ao consumidor, teve um grande impacto na indústria pornográfica: atores e atrizes do ramo pornográfico estão cada vez mais se utilizando desse sistema para garantir um espaço de trabalho. Como descreve Cláudia: “atores e atrizes pornôs estão criando seus próprios sites no Xvideos e estão recebendo uma grana, então ajuda muito eles”. Uma das vantagens dessa forma de trabalho seria o de que não há divisão de lucros advindos dos acessos, pois o próprio ator ou a atriz executa a parte de produção e administração.

Se uberização permite aos atores/atrizes ter espaço para criar seus próprios sites de filmes adultos e facilidade em garantir uma renda maior, por outro lado é um fator de preocupação, como exemplifica Cláudia:

Tal qual a uberização do motorista que trabalha doente e acaba negligenciando sua própria saúde, eu não sei como tá funcionando essa parte da uberização dos atores e atrizes, eu não sei se eles têm condições de fazer os exames e tudo mais, para produzir uma cena que talvez eles precisam fazer agora para conseguir ganhar o dinheiro do mês.

Assim, a fragilização dos vínculos de trabalho – que já eram frágeis e não protegidos anteriormente, posto que submetidos ao preconceito e a uma série de julgamentos morais – expõe o trabalhador da indústria pornográfica a condições ainda mais precárias de trabalho. Nesse sentido, ao se falar em direitos no ramo da indústria pornográfica, os pontos apresentados como críticos pelas entrevistadas são o controle sobre doenças sexualmente transmissíveis, a realização de exames médicos e o amparo legal em quebra de contrato.



O ponto básico do sistema de produção da indústria pornográfica, como nos remete a exemplificação de Coelho (1980) ao falar de capitalismo e indústria cultural, é que os filmes pornográficos são produtos trocáveis por dinheiro, ou seja, a indústria pornográfica se configura como uma produtora de mercadorias de acordo com a lógica de estruturação e de funcionamento da sociedade capitalista. Dessa forma, ao consumir os produtos deste meio, pagos ou não, o indivíduo usufrui de um serviço que contém exploração de trabalho, situação que se aprofunda ainda mais quando os trabalhadores são mulheres, travestis e/ou pessoas pretas.

### **3.2 – Função Social da Pornografia**

A indústria pornográfica, como citado no tópico anterior, funciona nos modos estruturais da sociedade capitalista e conseqüentemente se configura como um espaço reforçador de papéis sociais – entre eles os papéis de gênero. A pressão moralista, que julga, condena e marginaliza a pornografia, é um dos elementos que concorre para reforçar os papéis de gênero. Como demonstra Santana (2014) ao analisar autoras que afirmam existir um padrão do que significa sexo bom, saudável e moralmente aceito, Moraes e Lapeiz (1984) exemplificam a existência de uma imposição autoritária de formas de comportamento que fala em nome dos “bons costumes”. Díaz-Benítez (2009) também traz para a discussão as conseqüências desses reforçadores ao ponto de ocorrer perseguições e violências com aqueles que pertencem ao ramo pornográfico.

Cláudia utiliza da sua própria experiência profissional para demonstrar a dificuldade encontrada diante dos discursos morais e de reprodução de papéis de gênero, por exemplo:

Eu trabalho há mais de uma década com televisão e eu sempre recebi a orientação de nunca colocar no meu currículo esse período da minha vida profissional, que foi um período que me ensinou muito, me enriqueceu muito e que eu ganhei prêmios e dei palestras, mas ele não consta no meu currículo atual. Eu me sinto tolhida porque eu acho que os “caras” colocam, podem não colocar tudo sabe, mas tem um monte de cara que obviamente coloca “eu faço fotografia de nu feminino” sabe, para mim dependendo da posição já é tão pornográfico quanto o que eu fazia e consta no currículo dele e está no portfólio dele online. Mas assim eu sempre conto para as pessoas o que eu fazia porque

eu não acho justo também, não tenho problema nenhum, mas acho uma hipocrisia muito grande.

Por outro lado, mesmo a pornografia sendo produzida como uma mercadora com um duplo caráter: com o intuito de excitação e diversão, e como instrumento de recolocação de determinados estereótipos e/lugares sociais - ela pode criar uma cadeia de fatores que transformam a forma como o indivíduo enxerga seu corpo, sua sexualidade e outros corpos. Além de servir como um meio de identificação, é possível adquirir um repertório e compreender que existem inúmeras preferências e formas de prazer, como assinalam Santana e Rubim (2014) ao descreverem as teorias sobre a liberdade da sexualidade feminina e novas possibilidades eróticas.

Assim, a indústria pornográfica, com seu caráter contraditório, pode ao mesmo tempo se configurar como espaço de reprodução de estereótipos e de papéis sociais, contribuindo inclusive para a representação de papéis de gênero assimétricas e engessadas, mas também como espaço de quebra de estereótipos e de visibilidade para práticas tidas como dissidentes.

### **3.3 - Pornografia e Preconceito**

Como qualquer outro produto do entretenimento a pornografia não está isenta de preconceitos, ainda mais ao ser diretamente ligada a corpos expostos e fetiches, o que serve de argumento para críticos que são publicamente contra e usam de moralismo e elitismo para julgar esse meio e principalmente as profissionais. Moraes e Lapeiz (1984), assim como Coelho (1980), exemplificam como estes discursos distorcem a realidade da indústria pornográfica.

A tendência social para considerar a pornografia como espaço onde se dão práticas e comportamentos considerados contrários à moral e aos bons costumes e, portanto passível de intervenção no sentido de sua transformação e saneamento, é materializado na existência de inúmeras instituições que são financiadas por igrejas que tem como fundamento maior “resgatar” esses profissionais deste lugar de “degradação”. A forma como a sociedade lida com a indústria pornográfica pode ser compreendida como produtora de uma série de sofrimentos psíquicos e de sensação de desajuste por parte das pessoas que tem esse espaço como o de sua atividade laboral, posto que produzem um estranhamento que coloca o outro no lugar de objeto – e de um objeto execrável, sem valor.

Laura exemplifica com pesquisas que contém dados plausíveis sobre o ramo pornográfico, e diz:

O que eu vejo que eu posso falar que esse número realmente eu concordaria, existe uma exclusão social, uma solidão mesmo das pessoas que trabalham com sexo, não só pornografia, mas das pessoas que trabalham com sexo, muito forte. Então a gente exclui, me incluindo também, a gente pensa “ah a pessoa trabalha com sexo aí legal”, a gente a trata como um animal do zoológico que a gente quer tirar informação, saber como que é, saber o que comem, do que vivem, só que perto do meu namorado não, perto da minha mãe não, eu não vou apresentar pros meus tios. Então a gente acaba excluindo essa pessoa da sociedade e jogando essa pessoa pra uma solidão absurda e isso sem dúvida nenhuma é provocador de muitas “doenças mentais”.

Por fim, é preciso assinalar que uma das estratégias utilizadas pelas mulheres para conseguir sobreviver ao preconceito, minorar os efeitos desses em sua subjetividade e tentar criar espaços onde se sentem aceitas é a de construir e circular por grupos sociais formados por pessoas com as quais se identificam, e que em geral atuam na mesma área.

### **3.4 – Pornografia e Questão de Gênero**

Além da nítida presença de mais homens em posições de decisão, enfatiza-se a dificuldade enfrentada pela mulher nesse ramo, como descreve Laura:

Sem dúvida tem muito mais homens em posição de decisão, acho que o mundo todo é assim em todas as áreas, não só na pornografia inclusive. Mas o que eu mais sinto de diferença hoje, é como eu vejo com o acúmulo desses anos que os homens levam esse trabalho de uma forma muito mais leve e menos burocrática. Todas as mulheres em qualquer camada assim, seja atriz, seja câmera, diretora de fotografia, eu sinto que elas no geral são muito mais sérias em relação a esse trabalho.

Observa-se que a mulher quando opta ao trabalhar com pornografia tem sua inteligência questionada, é julgada por estar a “serviço” do patriarcado, apontada como uma pessoa frágil que só escolheu esse ramo por passar necessidade e/ou não saber fazer outra coisa. Por outro lado, os homens são vistos como pessoas fortes e espertas por terem escolhido o ramo do sexo para trabalhar. Como afirma Fernanda:

Então tem essa diferença de discurso das pessoas falarem eu quero ser ator pornô porque eu gosto de transar e ela é atriz pornô porque sexo é a única coisa que ela sabe fazer. Então é bem ruim isso de ter que ficar reafirmando a sua própria inteligência para as pessoas, sabe.

Essa maneira de visualizar ambas as forças de trabalho, reafirma a tentativa de manter a mulher em uma posição degradante e submissa como Federeci (2019) relata em sua obra. Essa desigualdade de tratamento é muito presente na fala das entrevistadas, as quais referem uma sensação de insegurança ao se inserirem em outros ambientes diferentes da pornografia, em especial no caso outras experiências profissionais e o impacto das suas produções pornográficas em como serão vistas nesses outros espaços, como já discutido anteriormente. Consequentemente, ao se tratar de reinserção de trabalho homens possuem uma maior facilidade, pois não são constantemente lembrados e resumidos ao seu trabalho com o sexo, como trazido no tópico anterior.

A indústria pornográfica é mais uma entre outras do entretenimento que não está isenta de machismo, ela reproduz formas de preconceitos estruturais existentes e desmerecer o trabalho feminino nessa indústria reafirma discursos misóginos. Salienta-se que até hoje as discussões divergentes trazidas por Santana (2014) sobre a guerra dos sexos ocorrem na esfera da pornografia.

Ainda assim, apesar das contradições, é preciso olhar para o aspecto transformador da inserção dessas mulheres nesse espaço, como nos diz Laura: “a parte mais realizadora é conseguir pensar com outras mulheres dentro de um mercado que é extremamente masculino, pensar em como criar um ambiente mais seguro e mais ético para gente, isso para mim sem dúvida é a parte mais importante”.

### **3.5 – Pornografia como Espaço de Liberdade**

Ao analisar as falas das entrevistadas, percebe-se que as mesmas passaram por um processo de desconstrução desde o primeiro contato com a pornografia, o qual se deu geralmente como consumidora e depois como profissional. Assinalamos que as três entrevistadas relatam esse estranhamento ao entrar em contato pela primeira vez com a pornografia, o interessante é perceber a forma como elas reproduziam discursos citados nos tópicos anteriores desse artigo e como hoje suas experiências contribuíram para a ressignificação de sua própria sexualidade e do meio em que trabalham. Há também a

liberdade no sentido monetário, ou seja, as profissionais, ao terem sua própria renda, conseguem se manter, auxiliar a família, investir nelas e também em momentos de lazer. Esses casos nos remetem ao que Sousa (2020) afirma ser a desmitificação da trabalhadora sexual como submissa.

Assim, pode-se perceber, com relação aos impactos subjetivos, que a pornografia é um espaço contraditório. Por um lado, gera sofrimento devido aos estigmas para com as profissionais como exemplificado no tópico 3.3, por outro lado ela também pode produzir impactos positivos nos modos de subjetivação à medida que se valoriza o espaço que essas mulheres possuem no ramo da pornografia, e, também a forma que se reencontram com o próprio corpo e sexualidade. Como no caso da Fernanda que afirma o impacto positivo que isso trouxe para ela ao dizer que começou a gostar mais de si mesma, se sentir mais segura com a sua imagem.

Esse espaço ambivalente ultrapassa as pessoas que estão diretamente ligadas a ele, e influencia também a forma que o consumidor vai compreender sua própria sexualidade e ao mesmo tempo como ele se sente em relação aos julgamentos sociais. Fernanda retrata exatamente essa questão ao contar um pouco sobre seus clientes:

Eu atendo clientes, principalmente homens mais velhos e eles tem imagens muito diferentes da própria sexualidade, ficam reprimidos mesmo porque acham que o “normal” é gostar daquilo que está mostrando na pornografia mainstream e eles não gostam. Aí eles vão atrás de uma camgirl, porque eles querem vivenciar aquele tal fetiche que é diferente, mas eles se acham esquisitos. Tipo imagina um cara de 40 ou 50 anos “noiado” com a própria sexualidade ou com o próprio jeito de transar ou com os próprios fetiches, porque a pornografia os transformou desde pequeno sabe, isso é um absurdo pra mim.

Em contrapartida, Fernanda afirma:

Então eu acho importante você ter contato com uma pornografia mais saudável e ética, que explore esse lado que as pessoas acham que é esquisito, justamente para as pessoas que estão ali consumindo ver que é normal e que não tem porque ter vergonha disso. Ou então não tem porque eu ter medo de mim mesmo e de gostar do que eu gosto. Então é possível que a pornografia ensine alguma coisa.

As pessoas precisam se sentir livres para exercerem sua sexualidade, e é importante tirar essas amarras sociais que forçam o sujeito a gostar de algo que não vem dele próprio. Laura cita que em Londres existe um grupo que realiza uma marcha com cachorros vestidos de látex, e afirma: “é divertido, isso faz com que você deixe sua própria vida mais leve, acho que essa é a importância que a gente fala da liberdade individual, da nossa individualidade e da nossa sexualidade, tá aí”.

## CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pornografia, como mercadoria, evidencia possuir um duplo caráter, sendo portadora das contradições inerentes à sociedade capitalista, posto que ao mesmo tempo reforça determinados papéis de gênero que contribuem para reforçar uma visão submissa e passiva das mulheres – servindo, dessa forma, como um instrumento de controle dos corpos e das sexualidades; mas também pode servir de espaço de construção de modos de subjetivação mais livres, tanto para as mulheres que têm a indústria pornográfica como espaço de trabalho, quanto para os grupos sociais e indivíduos que a consomem.

Assim, para as mulheres trabalhadoras, a indústria pornográfica brasileira é um espaço conflitante: possui pontos evidentes de reprodução de uma superexploração de trabalho e de (re)colocação de preconceitos que as reduzem a mulheres submissas, sem conhecimento, frágeis e não merecedoras de seriedade, mas as mesmas também enxergam esse ramo como um espaço de potência, trazendo em suas falas a relevância que há em sua atuação. Finalizamos o presente trabalho assinalando a importância do desenvolvimento de novas pesquisas que aprofundem a discussão sobre a indústria pornográfica e o impacto sobre as mulheres trabalhadoras desse ramo de entretenimento e sobre seus processos de subjetivação, pesquisas estas que possam contribuir para a transformação das relações sociais e para a construção de uma forma de trabalho mais ética e respeitosa de trabalho nesses espaços.

## CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro.** Tese Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu

Nacional/PPGAS, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:

<<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/MariaElviraDiazBenitez.pdf>>. Acesso em: 20, Jun de 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva.**

Editora Elefante, 2019.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In HEILBORN, M. L. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Zahar, p. 40 – 58, 1999.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/j/ha/a/8PZBFm87gZ8JmPFkyr8n4HC/?lang=pt#>>. Acesso em: 17, Jun de 2020.

KÄMPF, Rachel. **Para uma estética na pornografia. 2008. 77 f.** 2019. Tese de

Doutorado. Dissertação (mestrado)-Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008. Disponível em:

<[https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/4614/93879\\_Raquel.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/4614/93879_Raquel.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 05, Julh de 2020.

MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia.** Editora Brasiliense, 1984.

SANTANA, Léa Menezes de. **“–Tem pornô para mulher?”: uma abordagem crítica da pornografia feminista.** Tese Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador

2014. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18873/1/Dissertacao%20de%20L%c3%a9a%20Menezes%20de%20Santana.pdf>>. Acesso em: 1, Mar de 2020.

SANTANA, Léa Menezes; RUBIM, Lindinalva da Silva. **Feminismo e pornografia: distanciamentos e aproximações possíveis.** In RUBIM, L.S.O. (Org.). MIRADAS -

Gênero, Cultura e Mídia. 1ed. Salvador: EDUFBA, v. 1, p. 636-648, 2014.

SOUSA, Santuzza Alves de. Instagram, 2020. **Live Pornografia e Prostituição.**

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CB1m3jUnKdl/>>. Acesso em: 24, Jun de 2020.